



Relançar a tarefa da Formação Litúrgica hoje: lendo *Desiderio Desideravi* a partir da formação litúrgica de Romano Guardini

Relaunching the task of liturgical formation today:
reading *Desiderio Desideravi* from Romano
Guardini's liturgical formation

*Felipe Koller**

FASBAM

Recebido em: 04/03/2023. Aceito em: 15/03/2023.

Resumo: Com a carta apostólica *Desiderio Desideravi* (2022), o Papa Francisco avança a recepção do magistério do Concílio Vaticano II sobre a liturgia e repropõe a tarefa da formação litúrgica, apresentada no início do século XX pelo movimento litúrgico e assumida pela constituição *Sacrosanctum concilium*. Em grandes linhas, Francisco se baseia no livro *Formação litúrgica* (1923), de Romano Guardini (1885-1968), citado diretamente algumas vezes. Contudo, os pontos de contato entre *Desiderio Desideravi* e *Formação litúrgica* vão além das citações diretas. Este artigo busca traçar correlações entre as contribuições de Guardini e as questões trabalhadas pela carta apostólica, buscando uma compreensão mais rica da tarefa da formação litúrgica hoje. O encadeamento se permite guiar pela estrutura do texto de Guardini, que, depois de identificar a tarefa que se delineia a partir da relação do ser humano moderno com a liturgia, explora, ponto a ponto, as diferentes oposições polares que estão em jogo no ato litúrgico: a alma e o corpo, o ser humano e a coisa, o indivíduo e a comunidade, o objetivo e o subjetivo, a religião e a cultura. Com isso, a tarefa da formação litúrgica se mostra de alcance muito maior do que como uma resposta aos movimentos tradicionalistas — contexto imediato da publicação da carta

* Doutor em Teologia (Pontifícia Universidade Católica do Paraná, PUC-PR, Curitiba, PR, 2022). Mestre em Teologia (Pontifícia Universidade Católica do Paraná, PUC-PR, Curitiba, PR, 2017). Bacharel em Filosofia (Faculdade Vicentina, FAVI, Curitiba, PR, 2013). Professor dos cursos de especialização em Liturgia da Faculdade São Basílio Magno, da Católica de Santa Catarina e do INSECH.

E-mail: felipe@oficinadenazare.com.





apostólica e sobretudo do documento que a precede, Traditionis custodes —, revelando-se uma dimensão fundamental da recepção do Concílio e emergindo como uma questão de primeira grandeza para a cultura contemporânea.

Palavras-chave: movimento litúrgico; ritualidade; Concílio Vaticano II.

Abstract: *With the apostolic letter Desiderio Desideravi (2022), Pope Francis advances the reception of the magisterium of the Second Vatican Council on the liturgy and re-proposes the task of liturgical formation, presented at the beginning of the 20th century by the liturgical movement and assumed by the constitution Sacrosanctum Concilium. In broad terms, Francis roots his proposal in the book Liturgical Formation (1923), by Romano Guardini (1885-1968), quoted directly a few times. However, the points of contact between Desiderio Desideravi and Liturgical Formation go beyond direct quotations. This article seeks to trace correlations between Guardini's contributions and the issues addressed by the apostolic letter, seeking a richer understanding of the task of liturgical formation today. The structure of the article mirrors the structure of Guardini's text, which, after identifying the task that is outlined from the relationship of the modern human being with the liturgy, explores, point by point, the polar oppositions that are at play in the liturgical act: the soul and the body, the human being and the thing, the individual and the community, the objective and the subjective, religion and culture. With this, the task of liturgical formation turns out to be of much greater scope than as a response to traditionalist movements, the immediate context of the publication of the apostolic letter and, mainly, of the document that precedes it, Traditionis Custodes. It emerges as a fundamental dimension of the reception of the Council and as a first-class issue for contemporary culture.*

Keywords: *liturgical movement; rituality; Second Vatican Council.*

Introdução

A liturgia emergiu nos últimos anos como um dos grandes temas do pontificado de Francisco. Se, no começo, esse não parecia ser um dos focos de atenção do papa, a publicação de *Traditionis custodes* (2021) e de *Desiderio Desideravi* (2022) deixou claro — ao completarem-se os dez anos de sua eleição — não apenas que o seu magistério considera a sua importância, mas também que não poderia deixar de considerar. Afinal, um pontificado marcado pelas questões da reforma eclesial, da sinodalidade, do discernimento e da misericórdia, na fidelidade ao Concílio Vaticano II e como que abrindo uma nova fase de sua recepção,¹ não poderia não se interessar pela liturgia, tema primeiro da assembleia

¹ “Na sucessão entre *Summorum pontificum* e *Traditionis custodes*, pode-se ver o último gesto do último dos ‘papas pais do Concílio’ e o primeiro gesto dos ‘papas filhos do Concílio’” (GRILLO, Andrea. *Para além de Pio V: a reforma litúrgica após a Traditionis custodes*. São Paulo: Paulus, 2022. p. 154-155).



conciliar, com as suas implicações para a identidade do cristão e da comunidade eclesial.²

De fato, no rastro do movimento litúrgico, a constituição *Sacrosanctum concilium* guia-se por princípios teológicos que, se levados a sério, são capazes de uma verdadeira reviravolta na vida eclesial. É que a virada antropológica que o Concílio representou emerge não só da constituição *Gaudium et spes*, mais frequentemente mencionada quando se discute esse tema, como também — e de um modo mais radical e potente — das outras três constituições conciliares. São documentos que, em síntese, afirmam que “não basta uma definição do homem, uma metafísica do ser e nem sequer uma dogmática do mistério, mas é preciso reiniciar a partir de dados elementares (mas não por isso menos exigentes) como a escuta da palavra, a celebração do rito, a prática de relação da comunhão eclesial”, e, por isso, são “antropologicamente (e, portanto, teologicamente) muito mais provocadores”.³

Com essa atenção aos lugares originais da experiência de fé, vai-se abrindo o caminho para a consciência de que “a doutrina, sozinha, não apenas não é capaz de iniciar, como arrisca ter o efeito oposto: o de romper o relacionamento”.⁴ No entanto, nas décadas que se seguiram ao Vaticano II, a função hermenêutica da *Sacrosanctum concilium* não foi propriamente levada em consideração, de modo que em todo esse período a consciência da questão litúrgica não avançou como deveria, como se as suas sementes, que chegaram a amadurecer nos outros textos conciliares e na reforma do rito romano, não tivessem madurado devidamente na formação litúrgica das comunidades eclesiais. As reações de viés tradicionalista à reforma litúrgica — que nas últimas décadas se intensificaram, abandonando as tentativas de reinterpretção do Concílio e adotando a posição de uma rejeição direta da constituição sobre a liturgia e da reforma subsequente — condicionaram a recepção da *Sacrosanctum concilium*,

² Sobre o impacto do ensinamento conciliar sobre a liturgia nas demais questões enfrentadas pelos padres conciliares, veja-se ALBERIGO, Giuseppe. *Breve história do Concílio Vaticano II*. Aparecida: Santuário, 2006. p. 75, bem como O'MALLEY, John W. *O que aconteceu no Vaticano II*. São Paulo: Loyola, 2014. p. 153-154, e FAGGIOLI, Massimo. *Vaticano II: a luta pelo sentido*. São Paulo: Paulinas, 2013. p. 149.

³ GRILLO, Andrea. Partecipare alla liturgia: una esperienza spirituale. In: BOSELLI, Goffredo; CRIMELLA, Matteo et al. *Celebrare in spirito e verità: l'esperienza spirituale della liturgia*. Milão: Glossa, 2017b. p. 214, tradução nossa.

⁴ GRILLO, Andrea. *Iniziazione: una categoria vitale per i giovani e la fede*. San Pietro in Cariano: Il Segno dei Gabrielli, 2017a. p. 30, tradução nossa.



concentrando o debate mais no significado histórico do Concílio do que nas implicações teológicas e eclesiológicas da constituição.⁵

Com o *motu proprio Traditionis custodes*, Francisco restaurou como a única expressão da *lex orandi* do rito romano os livros litúrgicos promulgados por Paulo VI e João Paulo II a partir das diretrizes dos padres conciliares, desejando superar um período da recepção do Vaticano II marcado pela acomodação, pela ambiguidade e pelo cansaço⁶ — que deram espaço às dissidências em relação à reforma litúrgica e ao Concílio como um todo. A decisão, em certa medida, encerra um debate, mas não pretende voltar à estagnação; ao contrário, quer abrir mais decididamente o caminho para uma nova apropriação dos princípios teológicos que estão na raiz da reforma litúrgica. Assim, na carta apostólica *Desiderio Desideravi*, o papa relança a tarefa delineada pelo movimento litúrgico e assumida pelo Concílio, convidando as comunidades cristãs a assumirem-se corresponsáveis pela recepção da *Sacrosanctum concilium* e da reforma litúrgica como dinâmica de vida eclesial, e não só como doutrina e como legislação.

O interessante é que Francisco o faz não simplesmente evocando a constituição sobre a liturgia, mas se radicando na memória do contexto que a precedeu e a preparou: a primeira fase do movimento litúrgico⁷ e um de seus maiores nomes, Romano Guardini (1885-1968). Certo, a tarefa em questão é uma tarefa de formação litúrgica — como explicita o cabeçalho da *Desiderio Desideravi*, designando-a uma carta apostólica “sobre a formação litúrgica do povo de Deus” — e é precisamente a Guardini que remonta essa noção.⁸ Foi ele a identificar, como tema central

⁵ FAGGIOLI, 2013, p. 149-151.

⁶ PARANHOS, Washington. *O contexto litúrgico-sacramental da Igreja em sua evolução histórica*. São Paulo: Paulus, 2022. p. 159-179.

⁷ Segundo a periodização proposta por GRILLO, Andrea. L'efficacia del sacramento: abbozzo di rilettura a partire dall'agire rituale. In: UBBIALI, Sergio (org.). *La forma rituale del sacramento: scienza liturgica e teologia sacramentaria in dialogo: atti della XXVII settimana di studio dell'Associazione Professori di Liturgia*, Costabissara, 24-28 agosto 2009. Roma: CLV Edizioni Liturgiche, 2011. p. 206. Aqui se apresentam três fases: a primeira indo de 1909 a 1947, a segunda de 1947 a 1988 e a terceira, a atual, desde então. O ano de 1947 representa uma passagem de fase devido à publicação da encíclica *Mediator Dei* e às subsequentes reformas litúrgicas introduzidas por Pio XII, enquanto 1988 foi o ano tanto da consumação do cisma lefebvriano quanto da promulgação do uso zairense do rito romano, primeira experiência de inculturação codificada oficialmente em um missal próprio.

⁸ FLORES, Juan Javier. *Introdução à teologia litúrgica*. São Paulo: Paulinas, 2006. p. 134-135; GRILLO, Andrea. *Introduzione alla teologia liturgica: approccio teorico alla liturgia e ai sacramenti cristiani*. Pádua: Messaggero, 1999. p. 157-159.



do movimento litúrgico, o que se chamou de “questão litúrgica” e que podemos descrever do seguinte modo: como o ser humano moderno pode se reapropriar do ato litúrgico? O assunto aparece já na primeira e mais conhecida obra de Guardini sobre a liturgia, *O espírito da liturgia*, de 1918,⁹ mas assume o protagonismo com *Formação litúrgica*, de 1923.¹⁰

Desiderio Desideravi demonstra ancorar-se na *Formação litúrgica* de Guardini por meio de três citações diretas, mais uma a *O ato de culto e a tarefa atual da formação litúrgica*, um texto de 1964 em que o autor retorna ao tema, já no contexto do Concílio Vaticano II.¹¹ Não é pouco: fora Guardini, a carta apostólica faz referência apenas a textos dos Padres da Igreja, da própria liturgia e do magistério conciliar e pontifício, além de um trecho do *Cântico das criaturas* de Francisco de Assis. Porém, os pontos de contato entre *Desiderio Desideravi* e *Formação litúrgica* vão além das citações diretas. Percorrendo os grandes temas do texto de Guardini e cotejando-os com a carta de Francisco, é possível encontrar correlações que podem contribuir para enriquecer a compreensão da tarefa da formação litúrgica, como proposta pelo papa.

É a isso que este artigo se propõe. Para tanto, segue-se a estrutura muito clara de *Formação litúrgica*: depois de identificar a tarefa que se delinea a partir da relação do ser humano moderno com a liturgia, Guardini explora, ponto a ponto, as diferentes oposições polares que estão em jogo no ato litúrgico: a alma e o corpo, o ser humano e a coisa, o indivíduo e a comunidade, o objetivo e o subjetivo, a religião e a cultura.¹² Aqui, perpasso cada um desses pontos, que correspondem aos capítulos do

⁹ GUARDINI, Romano. *O espírito da liturgia*. São Paulo: Cultor de Livros, 2018. O tema aparece mais explicitamente no capítulo *O estilo litúrgico*, sobretudo nas p. 41-42.

¹⁰ GUARDINI, 2023.

¹¹ O texto também integra o volume publicado pela Carpintaria em 2023.

¹² É fácil notar aí, como quadro teórico, a teoria das oposições polares que Guardini já desenvolvia, ao lado de seu amigo Karl Neundörfer, e que apresentaria no livro *Der Gegensatz* (Mainz: Matthias-Grünewald-Verlag, 1925), como tentativa de oferecer uma chave interpretativa da realidade que superasse tanto a tendência a achatá-la em nome da uniformidade, quanto a de esgarçá-la em contraposições irreconciliáveis; uma visão, enfim, em que o contraste fosse compreendido como riqueza, numa tensão fecunda, sem nunca optar por um polo em detrimento do outro, nem tampouco amalgamá-los em um terceiro elemento. Uma boa apresentação dessa visão é oferecida por BORGHESI, Massimo. *Romano Guardini: antinomia della vita e conoscenza affettiva*. Milão: Jaca Book, 2018. Francisco não só conhece essa teoria, como se deixou influenciar por ela, o que fica evidente sobretudo na exortação apostólica *Evangelii gaudium* (n. 217-237). Ver BORGHESI, Massimo. *Jorge Mario Bergoglio: uma biografia intelectual*. Petrópolis, Vozes, 2018. p. 110-144.



livro, traçando relações entre as contribuições de Guardini e as questões trabalhadas pela *Desiderio Desideravi*. De fato, se Francisco expressa que o que deseja com a carta apostólica é que “a beleza do celebrar cristão e das suas necessárias consequências na vida da Igreja não fosse deturpada por uma compreensão *superficial e redutora* do seu valor”,¹³ a perspectiva oferecida por Guardini é precisamente a de *aprofundar* e *alargar* a nossa abordagem em relação à liturgia, sem se limitar à superfície das rubricas ou de um enquadramento teológico ultrapassado,¹⁴ nem reduzir as tensões que a atravessam a respostas unilaterais.

1 A tarefa

“*O assombro é parte essencial do ato litúrgico.*”¹⁵

Em *O ato de culto e a tarefa atual da formação litúrgica*, Guardini menciona uma experiência que viveu na catedral de Monreale, em Palermo, durante a liturgia da vigília pascal: ele nunca se esqueceu da “atenção — uma atenção que enchia a catedral — com que o povo acompanhava a liturgia da vigília pascal por horas, sem um livro ou qualquer palavra ‘explicativa’”. “O olhar do povo era em si um ato; nesse olhar, ele correalizava as ações sagradas”, escreve.¹⁶ Não é possível ter lido *Desiderio Desideravi* e não perceber aí uma das categorias centrais que Francisco trabalha na carta: o assombro. “Se viesse a faltar o assombro pelo mistério pascal que se torna presente no concreto dos sinais sacramentais, poderíamos verdadeiramente correr o risco de ser impermeáveis ao oceano de graça que inunda cada celebração”, afirma o papa.¹⁷ Francisco se refere, portanto, àquilo que habilita a pessoa a engajar-se no ato litúrgico: trata-se de uma questão de formação litúrgica.

¹³ FRANCISCO. *Carta apostólica Desiderio Desideravi*, n. 16, 29 de junho de 2022. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_letters/documents/20220629-lettera-ap-desiderio-desideravi.html. Acesso em: 26 fev. 2023. Doravante, esse documento será identificado com a sigla DD.

¹⁴ Por “ultrapassado”, refiro-me aos modelos teológicos marcados pela pressuposição do elemento ritual ou por sua remoção, e que precisam confrontar-se com a tarefa, que emerge com o movimento litúrgico, de reintegração do rito na teologia fundamental. Veja-se GRILLO, 1999.

¹⁵ DD 26.

¹⁶ GUARDINI, 2023, p. 220.

¹⁷ DD 24.



De fato, em *Formação litúrgica*, Guardini diagnostica a atrofia dos órgãos e das forças que tornavam o ser humano capaz do ato litúrgico.¹⁸ É uma diminuição da “capacidade de tornar visível e ver, expressar-se e compreender o que é expresso”.¹⁹ A modernidade “estava procurando o ‘puramente espiritual’ e acabou na abstração. A encarnação, e com ela o símbolo, foram rejeitados — mas, de maneira imperceptível, no lugar do ‘espiritual’, instalou-se a abstração, o conceito”, explica Guardini.²⁰ Com isso, abre-se uma cisão entre o que se chama de “espiritualidade”, como qualquer coisa de puramente interior, e a expressão litúrgica, reduzida a cerimônia. “Compreende-se cada vez menos o aspecto corpóreo da religião, do culto, do rito e do símbolo”, de modo que “é preciso o esforço árduo de conferir sentido àqueles sinais esvaziados de espiritualidade direta; enquanto que, tanto a quem explica como a quem ouve, é impossível afastar a sensação de que tudo seria realmente mais fácil sem isso”.²¹ Em síntese, como afirma Francisco, o ser humano moderno tornou-se um analfabeto diante da linguagem simbólica.²²

Ora, se “o ser humano está na liturgia como quem cria e contempla símbolos”,²³ então “a primeira tarefa do trabalho da formação litúrgica” é que “o ser humano deve voltar a ser capaz do símbolo”.²⁴ É o que Francisco tem em mente quando aponta para o assombro como parte essencial do ato litúrgico: ele o define como “uma atitude de quem sabe que se encontra perante a peculiaridade dos gestos simbólicos”, “o enlevo de quem experimenta a força do símbolo”.²⁵ Do que falamos, no entanto, quando falamos de símbolo?²⁶ *Desiderio Desideravi* afirma que o símbolo “não consiste em remeter para um conceito abstrato, mas em conter e exprimir na sua concreção aquilo que significa”,²⁷ e que “não é uma questão de conhecimento mental, de aquisição de conceitos, mas é

¹⁸ GUARDINI, 2023, p. 75-78.

¹⁹ GUARDINI, 2023, p. 75.

²⁰ GUARDINI, 2023, p. 74.

²¹ GUARDINI, 2023, p. 77-78.

²² DD 44.

²³ GUARDINI, 2023, p. 72.

²⁴ GUARDINI, 2023, p. 73; citado em DD 44.

²⁵ DD 26.

²⁶ Para o tratamento do tema de modo mais amplo em Guardini, o que pode ser necessário para compreender mais profundamente o que se afirma aqui, veja-se KOLLER, Felipe Sérgio; FERNANDES, Márcio Luiz. O símbolo em Romano Guardini. *Revista de Cultura Teológica*, v. 28, n. 96, maio-ago. 2020, p. 196-217.

²⁷ DD 26.



uma experiência vital”.²⁸ É que “o conhecimento do mistério de Cristo, questão decisiva para a nossa vida, não consiste numa assimilação mental de uma ideia, mas numa real *implicação existencial* com a sua pessoa”.²⁹

Guardini escreve, de fato, que “a liturgia em si não é apenas conhecimento, e sim uma realidade completa, que envolve muito mais do que apenas o compreender: envolve um fazer, um ordenar, um ser”, pois “a natureza da vida litúrgica está em conduzir o indivíduo e a comunidade pelo caminho de um determinado comportamento religioso-cultural”.³⁰ Trata-se da entrada no âmbito de uma relação; para Francisco, trata-se de um encontro que conjuga a proximidade própria da encarnação com a alteridade típica da transcendência: o assombro é o maravilhar-se por descobrir-se, na páscoa de Jesus, envolvido no desígnio de amor do Pai que nos ultrapassa totalmente, mas nos toca na celebração litúrgica.³¹

Dar-se e permanecer excedente, deixar-se tocar e ainda assim custodiar o mistério, maravilhar ao mesmo tempo pela dessemelhança e pela identificação — essas são dinâmicas próprias do símbolo.³² Abrindo-nos a uma relação, o símbolo tem a ver com o envolvimento por inteiro; ele chama em causa todo o nosso ser, em todas as nossas dimensões.³³ O que está em jogo, como sublinha Guardini, é “reaprender a habitar a relação religiosa como seres humanos por inteiro”.³⁴ Por isso “a questão é de formação, no sentido mais essencial da palavra”.³⁵ Francisco distingue

²⁸ DD 45.

²⁹ DD 41, grifo nosso.

³⁰ GUARDINI, 2023, p. 51-52.

³¹ DD 25.

³² Veja-se GUARDINI, 2023, p. 111-112.

³³ Francisco aborda a liturgia no mesmo sentido na encíclica *Lumen fidei*, de 2013: “Para transmitir um conteúdo meramente doutrinal, uma ideia, talvez bastasse um livro ou a repetição de uma mensagem oral; mas aquilo que se comunica na Igreja, o que se transmite na sua Tradição viva é a luz nova que nasce do encontro com o Deus vivo, uma luz que toca a pessoa no seu íntimo, no coração, envolvendo a sua mente, vontade e afetividade, abrindo-a a relações vivas na comunhão com Deus e com os outros. Para se transmitir tal plenitude, existe um meio especial que põe em jogo a pessoa inteira: corpo e espírito, interioridade e relações. Este meio são os sacramentos celebrados na liturgia da Igreja: neles, comunica-se uma memória encarnada, ligada aos lugares e épocas da vida, associada com todos os sentidos; neles, a pessoa é envolvida, como membro de um sujeito vivo, num tecido de relações comunitárias” (n. 40). Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20130629_enciclica-lumen-fidei.html. Acesso em: 26 fev. 2023.

³⁴ GUARDINI, 2023, p. 85; citado em DD 34.

³⁵ GUARDINI, 2023, p. 52; veja-se DD 34.



duas acepções de formação litúrgica: o sermos formados para a celebração litúrgica e o deixarmo-nos formar por ela.³⁶ Que a comunidade eclesial possa deixar-se formar e reformar pela liturgia é, em última instância, o que o movimento litúrgico deseja: a reforma do rito romano e a formação para a liturgia são duas condições para a participação ativa no mistério celebrado, fonte do espírito genuinamente cristão, como afirma *Sacro-sanctum concilium*.³⁷ O rito foi revisto, mas urge a tarefa de formarmos-nos para o ato litúrgico, de modo a possibilitar que ele nos forme — que travando contato com o mistério que se dá no símbolo molde-se a nossa identidade como indivíduos e como comunidade. “É a própria celebração que educa”, afirma Francisco,³⁸ somos formados pelo gesto litúrgico,³⁹ que “plasma nossa interioridade profunda, para depois se manifestar exteriormente na nossa relação com Deus e com os irmãos”.⁴⁰

2 Alma e corpo

*“A encarnação [...] é o método que a Santíssima Trindade escolheu para nos abrir a via da comunhão.”*⁴¹

Deixar-se formar pela liturgia implica, em primeiro lugar, a unidade entre alma e corpo, interioridade e exterioridade. “O que fica em pé, ora, oferta e atua no comportamento litúrgico não é ‘a alma’, não é ‘a interioridade’, mas ‘a pessoa’. O ser humano por inteiro se incumbe do agir litúrgico”, escreve Guardini.⁴² Francisco afirma que os gestos e palavras da liturgia “não são a enunciação de um ideal em que procuramos inspirar-nos, mas são uma ação que implica o corpo na sua totalidade, ou seja, no seu ser unidade de alma e corpo”.⁴³ De fato, com Guardini,

³⁶ DD 34.

³⁷ CONCÍLIO VATICANO II. *Constituição Sacrosanctum concilium*. 4 de dezembro de 1963 (daqui em diante, SC). Disponível em: https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19631204_sacrosanctum-concilium_po.html. Acesso em: 26 fev. 2023. Afirmação semelhante de Pio X no *motu proprio Tra le sollecitudini*, de 1903, relida por Lambert Beauduin em uma conferência de 1909, foi o ponto de partida do movimento litúrgico.

³⁸ DD 60.

³⁹ DD 47.

⁴⁰ DD 53.

⁴¹ DD 10.

⁴² GUARDINI, 2023, p. 58.

⁴³ DD 51.



Francisco enxerga o corpo como símbolo, “porque íntima união da alma e do corpo, visibilidade da alma espiritual na ordem do corpóreo, e nisto consiste a unicidade humana, a especificidade da pessoa irreduzível a qualquer outra forma de ser vivo”.⁴⁴ Nessa relação entre alma e corpo, aparece já uma tarefa de formação: se no desenvolvimento de uma planta, por exemplo, pode acontecer a luta enquanto superação de obstáculos externos, no ser humano a luta para conformar-se à sua imagem envolve a tensão interior, a tomada de decisão, a liberdade de dizer sim ou não.⁴⁵

Nesse sentido, Francisco recorda que, sendo “constitutiva” “a nossa abertura ao transcendente, a Deus”, “não a reconhecer leva inevitavelmente a um não conhecimento, não só de Deus mas também de nós próprios”, de modo que “não se pode dar valor ao corpo partindo apenas do corpo” — o que pode levar a uma oscilação ambígua entre obsessão e descarte.⁴⁶ O problema é que as cisões típicas do pensamento e do modo de viver da modernidade penetraram fundo em nosso próprio ser, fazendo com que a nossa interioridade se afastasse do nosso corpo, confundindo o espiritual com o abstrato e deixando de enxergar o corpo como lugar da relação religiosa. Trata-se da atrofia já mencionada, que fez minguar “um mundo em que o espiritual se expressava diretamente no físico, em imagem, gesto e estrutura, em ações significativas, costumes e mil formas de expressão, em que todas as coisas revelavam espírito e interioridade e estavam saturadas de conteúdo”.⁴⁷

Qual a consequência? “O ter perdido a capacidade de compreender o valor simbólico do corpo e de todas as criaturas torna a linguagem simbólica da liturgia quase inacessível ao homem moderno”, constata Francisco.⁴⁸ Sem ter em conta o corpo como lugar da expressão da alma, a prática religiosa “perde a conexão com a estrutura mais íntima da vida, deixa de ‘formar’”, afirma Guardini.⁴⁹ É que nós não temos “uma religião da mera interioridade”, de modo que a liturgia, envolvendo o ser humano em sua inteireza, “será perfeita se não levar o orante a perder sua corporalidade; ao contrário, ela o tornará — nesse sentido último — cada vez mais humano”, pois, “no ato litúrgico, sua corporalidade se

⁴⁴ DD 44; ver também GUARDINI, 2023, p. 71.

⁴⁵ GUARDINI, 2023, p. 61-63.

⁴⁶ DD 44.

⁴⁷ GUARDINI, 2023, p. 74.

⁴⁸ DD 44.

⁴⁹ GUARDINI, 2023, p. 77.



internaliza, se espiritualiza cada vez mais; e sua alma se expressa sempre mais plenamente, se encarna”.⁵⁰ Para isso, “precisamos aprender a orar também com o corpo”, de modo que “a postura corporal, os gestos e as ações precisam, de modo direto e imediato, tornar-se em si religiosos”, ou, “em outras palavras: nós precisamos nos tornar novamente simbólicos”.⁵¹

Não pode ser diferente se levarmos a sério que no fundamento da fé cristã está o mistério da encarnação. *Desiderio Desideravi* deixa isso muito claro desde o princípio. Na liturgia, prolonga-se o mistério da encarnação e se oferece a nós a possibilidade do encontro com Cristo Ressuscitado⁵² — não com uma ideia sobre Cristo ou com um testemunho de segunda mão sobre ele, mas com o seu corpo, os seus gestos, as suas palavras. “Se não nos fosse dada também a nós a possibilidade de um verdadeiro encontro com ele, seria como declarar esgotada a novidade do Verbo feito carne”, sublinha Francisco.⁵³ Aquela implicação existencial em que a liturgia nos envolve pressupõe a linguagem simbólica porque se assenta sobre a fé na encarnação: o símbolo, em que “o interior está de tal modo unido ao exterior que não poderia ser de outro modo”,⁵⁴ é a linguagem “que a Santíssima Trindade escolheu para nos alcançar na carne do Verbo”.⁵⁵

3 Ser humano e coisa

*“A liturgia é feita de coisas que são exatamente o oposto de abstrações espirituais.”*⁵⁶

A linguagem simbólica do corpo “se prolonga nas coisas, no espaço e no tempo”, escreve Francisco.⁵⁷ Essa é precisamente a perspectiva de

⁵⁰ GUARDINI, 2023, p. 69-70.

⁵¹ GUARDINI, 2023, p. 85. Se compreendemos bem essa tarefa formativa, não nos pantaremos com o fato de que Guardini sugere, tendo em vista a educação do jovem para o ato litúrgico, jogos, exercícios físicos, trabalho manual, cultivo do ambiente, entre outras coisas (2023, p. 85-86).

⁵² Elevado à direita do Pai, ele se deixa descobrir na celebração dos seus mistérios, na linha da conhecida afirmação de Leão Magno (*Sermão na Ascensão do Senhor* 72, 2, 1), citada em DD 9.

⁵³ DD 10.

⁵⁴ GUARDINI, 2023, p. 71.

⁵⁵ DD 44; ver também DD 10, DD 19 e DD 42.

⁵⁶ DD 42.

⁵⁷ DD 19.



Guardini, que explica: “As possibilidades de expressão do corpo, com seus órgãos e movimentos, seus membros e sua aparência, não são suficientes para expressar a plenitude da alma. O ser humano expande-as ao agregar ao seu corpo as coisas do ambiente”.⁵⁸ É a partir daí que podemos dizer, como ensina *Sacrosanctum concilium*, que na liturgia o mistério se deixa encontrar nos “sinais sensíveis”.⁵⁹ É verdade que nas vestes, nos instrumentos e na própria configuração do espaço e na organização do tempo, as possibilidades expressivas do corpo se enriquecem e, desse modo, também transformam a realidade ao seu redor. Esse é, porém, apenas um dos polos dessa tensão.

É que, em contrapartida, aquilo que surgiu do movimento de expressão do próprio ser humano, como um seu prolongamento, acaba se destacando dele e ganhando objetividade e autonomia. Já não é parte dele, mas, pelo contrário, o confronta e o interpela. “Ele sente a amplitude objetiva do ser, a inteireza das coisas, a ordem dos eventos — e sente a si mesmo no meio disso tudo”, de modo que “a consciência de estar sob realidades objetivas ganha tal poder que, além da vontade de expressão que brota do eu, ouve-se o chamado ao serviço que emana do objeto”, explica Guardini.⁶⁰ Assim, se escuta o chamado que vem das coisas, ao tomá-las como meio de sua expressão, o ser humano não age com violência. Não impõe sobre as coisas a sua própria vontade, mas colabora com elas, ajudando-as a também expressarem o que realmente são.⁶¹ Na liturgia, o ser humano é convidado a entrar em um diálogo com os elementos da criação, descobrindo-os como símbolos da realidade última, divina.

Daí a importância do fato de que, como destaca o papa, “a liturgia é feita de coisas que são exatamente o oposto de abstrações espirituais: pão, vinho, azeite, água, perfume, fogo, cinzas, pedra, tecido, cores, corpo, palavras, sons, silêncios, gestos, espaço, movimento, ação, ordem, tempo, luz”.⁶² Precisamente assim, a celebração litúrgica é um antídoto contra o subjetivismo: ela “nos liberta da prisão de uma autorreferencialidade alimentada pela própria razão ou pelo próprio sentir”, “não nos deixa sós na busca individual de um suposto conhecimento do mistério

⁵⁸ GUARDINI, 2023, p. 93; ver também p. 114.

⁵⁹ SC 7; citado em DD 21.

⁶⁰ GUARDINI, 2023, p. 96-97.

⁶¹ GUARDINI, 2023, p. 114-115; ver também p. 156 e p. 161.

⁶² DD 42.



de Deus, mas toma-nos pela mão, juntos, como assembleia, para nos conduzir para dentro do mistério que a Palavra e os sinais sacramentais nos revelam”.⁶³ Aqui está o potencial formativo da liturgia: o que precisamos é que “atinjamos outra vez as coisas reais”, pois “fórmulas e conceitos — relevantes e válidos em suas áreas — obstruíram nossa visão de toda a realidade”, afirma Guardini.⁶⁴

De fato, na modernidade, a vida se tornou cada vez mais artificial e também aqui houve uma atrofia. “O ser humano desaprendeu a viver com as coisas e a expressar, no serviço a elas, seu próprio ser”.⁶⁵ Sem entrar numa verdadeira relação com as coisas, acontece uma quebra em que, ao mesmo tempo em que o ser humano as esvazia como mero objeto de posse ou de investigação, elas o sufocam, ganhando poder sobre ele. “Seu domínio técnico do mundo redundou em sua rendição interior ao mundanismo”, escreve Guardini.⁶⁶ Assim, a orientação de Francisco para reverter esse quadro e possibilitar a plenitude do ato litúrgico é “readquirir a confiança na criação”, com “um novo olhar que não seja superficial mas respeitoso e agradecido”, entendendo que “as coisas — com que ‘se fazem’ os sacramentos — vêm de Deus, orientam-se para ele e por ele foram assumidas, de modo particular com a encarnação, para se tornarem instrumentos de salvação, veículos do Espírito, canais de graça”.⁶⁷

Desse modo, na liturgia “o ser humano dá continuidade à obra da criação”, como aponta Guardini.⁶⁸ Aí “ocorre o novo nascimento pelo qual ‘a criação inteira geme’ (Rm 8,22)”.⁶⁹ Francisco, exemplificando, recorda que Deus criou a água em vista do batismo, enriquecendo-a ao longo da história da salvação até que ela pudesse chegar a ser expressão e comunicação da graça da vida nova.⁷⁰ Na liturgia, explica Guardini, cada coisa “não é violada, mas remodelada a partir da afirmação mais profunda de sua essência” — “a alma, por assim dizer, liberta a essência da coisa em vista de uma maior potência criativa, de uma autorrealiza-

⁶³ DD 19.

⁶⁴ GUARDINI, 2023, p. 113.

⁶⁵ GUARDINI, 2023, p. 107.

⁶⁶ GUARDINI, 2023, p. 107. Vale lembrar que Guardini é também referência para o Papa Francisco no diagnóstico da “raiz humana da crise ecológica” e na proposta de uma “educação e espiritualidade ecológicas” na encíclica *Laudato si’* (2015).

⁶⁷ DD 46.

⁶⁸ GUARDINI, 2023, p. 103.

⁶⁹ GUARDINI, 2023, p. 104.

⁷⁰ DD 13.



ção mais ampla, justamente por torná-la um meio de expressão da vida de graça da alma cristã”.⁷¹ Assim, a criação inteira, “manifestação do amor de Deus”, “é assumida para ser posta ao serviço do encontro com o Verbo encarnado, crucificado, morto, ressuscitado, elevado ao Pai”, afirma o papa.⁷²

4 Indivíduo e comunidade

*“O sujeito que age na liturgia é sempre e só Cristo-Igreja, o Corpo místico de Cristo.”*⁷³

Depois de pentecostes, não há outra possibilidade de escutar as palavras e de ver os gestos de Jesus a não ser na comunidade que celebra a liturgia, como sublinha *Desiderio Desideravi*.⁷⁴ É a Igreja que é agora corpo de Cristo, é ali que se encontra a sua palpabilidade. E se é Cristo o único sacerdote, o único templo, então fica claro: “Sem esta incorporação não há qualquer possibilidade de viver a plenitude do culto a Deus. Efetivamente, há um só ato de culto perfeito e agradável ao Pai: a obediência do Filho, cuja medida é a sua morte na cruz”, escreve Francisco.⁷⁵ Guardini se refere a Cristo como “o princípio sobrenatural da vida da humanidade renascida”, “a sua imagem e a sua força ativa”: “Cristo cimenta os indivíduos em uma unidade de vida superior, assim como a alma faz com a matéria em vista da unidade do corpo. Cada membro tem sua estrutura específica e sua função própria, mas está relacionado com o todo, serve a todos os demais membros e é apoiado por eles.”⁷⁶

De fato, se é o ser humano todo que performa o ato litúrgico, e essa totalidade envolve a criação ao seu redor, é também só na comunidade que o ser humano se encontra assim, por inteiro. “No contexto religioso, isso significa que a plena humanidade cristã só existe onde Igreja e personalidade individual travam uma relação recíproca essencial”, escreve

⁷¹ GUARDINI, 2023, p. 115.

⁷² DD 42.

⁷³ DD 15.

⁷⁴ DD 8.

⁷⁵ DD 8; ver também DD 32.

⁷⁶ GUARDINI, 2023, p. 142.



Guardini.⁷⁷ Essa dimensão comunitária, no entanto, não pode ser reduzida a uma abstração: é verdade que o cristão faz parte da Igreja universal, mas de modo orgânico, através de uma comunidade concreta, local, com necessidades e características específicas.⁷⁸ É muito fácil, diante de uma universalidade meramente conceitual, imaginar-se dentro de uma comunidade, mas permanecer fechado no individualismo.

A liturgia é ação ritual em que vivemos essa dimensão comunitária de maneira viva. Também aqui ela é antídoto contra todo subjetivismo e individualismo, porque, como destaca Francisco, “a ação celebrativa não pertence ao indivíduo mas a Cristo-Igreja, à totalidade dos fiéis unidos em Cristo”, de modo que “a liturgia não diz ‘eu’ mas ‘nós’ e qualquer limitação à amplitude deste ‘nós’ é sempre demoníaca”.⁷⁹ É o que afirma Guardini: “O indivíduo ora liturgicamente quando o faz a partir de uma consciência desperta e plena desse eu-total eclesial”.⁸⁰ Na verdade, “o verdadeiro comportamento litúrgico só é possível a partir de uma consciência atenta e plena da Igreja, e esmaece assim que a imagem de Igreja se dissolve no individualismo ou se reduz a mera ferramenta ético-pedagógica”.⁸¹ Fica claro, assim, o que o papa tem em mente ao dizer que há uma problemática eclesiológica nas tensões que envolvem a forma ritual.⁸² Não é possível que a escolha do rito fique à mercê de preferências individuais, quando se trata de algo eminentemente eclesial.

Não se trata de perder-se no meio de um coletivo sem rostos, não é questão de “massificação indistinta”.⁸³ “A comunidade de homens e mulheres reconciliados porque perdoados” abre “o espaço estreito do individualismo espiritual” não em direção a um coletivismo que esmaga o indivíduo, mas em vista de “conceber o homem como pessoa, aberto a uma relação plena com Deus, com a criação e com os irmãos”, como o papa esclarece.⁸⁴ Assim, a uniformidade do gesto e da palavra a que nos chama a liturgia não se apresenta de modo a anular quem somos: pelo

⁷⁷ GUARDINI, 2023, p. 122.

⁷⁸ GUARDINI, 2023, p. 123-127.

⁷⁹ DD 19.

⁸⁰ GUARDINI, 2023, p. 145.

⁸¹ GUARDINI, 2023, p. 140-141.

⁸² DD 31.

⁸³ GUARDINI, 2023, p. 148; ver também p. 182-183.

⁸⁴ DD 32-33.



contrário, ela “educa cada fiel a descobrir a unicidade autêntica da própria personalidade, não em atitudes individualistas mas na consciência de ser um só corpo”.⁸⁵ Para usar expressões de Guardini, aquela “exterioridade repleta de profundidade interior” do ato litúrgico pleno e comunitário, “fluindo para o silêncio da intimidade”,⁸⁶ é, precisamente, formativa.

Para Guardini como para Francisco, é uma questão de disciplina:⁸⁷ do contrário, aquilo que chamamos de comunidade não seria senão um individualismo ampliado, uma reunião determinada por afinidades e simpatias, e não a Igreja. “Não faz comunidade aquele que forma um círculo que é mero reflexo de seu próprio ser, mas aquele que vive em uma totalidade objetiva com os outros, que são como são”.⁸⁸ Também aqui, nossas dificuldades remontam à modernidade, período em que “o indivíduo perdeu a conexão evidente com o outro, a responsabilidade natural por ele, a habilidade de juntar-se aos demais em uma unidade superior”, escreve Guardini, que afirma que dessa maneira o isolamento se tornou a “natureza” do ser humano moderno.⁸⁹ O que nos abre a saída dessa situação, porém, não são “sentimentos de conventículos”, mas a abertura do próprio interesse “até ter aprendido a tomar como seu o conteúdo de vida dos outros, sua preocupação com a salvação, seu sofrimento, sua aflição”.⁹⁰ Daí uma dimensão irrenunciável da formação litúrgica: educar para a consciência como comunidade, verdadeiro “eu-orante”⁹¹ que supera as armadilhas do subjetivismo e do individualismo — “a formação litúrgica é a educação para o pensar, o querer e o sentir eclesiais, para o *sentire cum ecclesia*”.⁹²

5 Objetividade e subjetividade

*“A norma mais alta e, portanto, mais exigente, é a própria realidade da celebração eucarística.”*⁹³

⁸⁵ DD 51; ver GUARDINI, 2023, p. 161.

⁸⁶ GUARDINI, 2023, p. 69-70.

⁸⁷ DD 50-51.

⁸⁸ GUARDINI, 2023, p. 162.

⁸⁹ GUARDINI, 2023, p. 130.

⁹⁰ GUARDINI, 2023, p. 146.

⁹¹ GUARDINI, 2023, p. 145.

⁹² GUARDINI, 2023, p. 191.

⁹³ DD 57.



“O subjetivo e o objetivo são os dois polos de orientação do comportamento expressivo e, portanto, de toda cultura”, escreve Guardini.⁹⁴ Nessa tensão, a liturgia representa uma objetividade que desafia os contornos subjetivistas do típico ser humano moderno. É que ela, “com sua austeridade, é a forma de comportamento religioso em que o objetivo se manifesta de maneira mais forte”.⁹⁵ Para penetrar na inteireza do ato litúrgico, “é preciso superar uma vida religiosa lânguida, com seus lirismos e sentimentalismos, com seu gosto por quinquilharias simpáticas, e despertar novamente à vontade para a grandeza da forma, também na vida religiosa — e principalmente nela”, segundo Guardini.⁹⁶ O problema é que, quando há uma preocupação exagerada com a subjetividade, o que acontece é que “o objeto em si da experiência acaba perdendo a importância: o essencial passa a ser apenas a própria experiência, as sensações, os processos, as condições que esse objeto desencadeia”.⁹⁷ Aí não há espaço para uma verdadeira relação, quanto mais para a relação religiosa.

É nessa senda que *Desiderio Desideravi* se coloca, indicando a necessidade de “admitir o quanto ainda permanecemos atolados no individualismo e no subjetivismo” e de “reacender a sensibilidade para o grande estilo da oração, a vontade de nos envolvermos existencialmente com ela”, e reconhecendo que “o caminho até lá é a disciplina, a renúncia ao sentimentalismo molenga, o trabalho sério em nosso ser e agir religiosos, realizado em obediência à Igreja”.⁹⁸ “É assim que se aprende a arte de celebrar”, porque o que está em questão é “deixar que seja a própria celebração a transmitir-nos a sua arte”.⁹⁹ Abraçando esse caminho da disciplina — e Francisco reforça que entende o tema do modo como foi tratado por Guardini —, entramos de fato numa dinâmica de formação, em que os elementos rituais “põem ordem dentro do nosso mundo interior, fazendo-nos viver sentimentos, atitudes, comportamentos.”¹⁰⁰ “A disciplina é fria e contida, mas arde por dentro”, sublinha Guardini.¹⁰¹

⁹⁴ GUARDINI, 2023, p. 163.

⁹⁵ GUARDINI, 2023, p. 175.

⁹⁶ GUARDINI, 2023, p. 187.

⁹⁷ GUARDINI, 2023, p. 154.

⁹⁸ GUARDINI, 2023, p. 187-188; citado em DD 50.

⁹⁹ DD 50.

¹⁰⁰ DD 51.

¹⁰¹ GUARDINI, 2023, p. 188.



Confrontar-se com a dimensão da objetividade é um desafio implicado no chamado a configurar-se a Cristo. “Cristo é o ser de todos os seres, a imagem eterna segundo a qual ‘todas as coisas foram feitas’ (Jo 1,3)”, escreve Guardini. “A natureza do ser humano enquanto criatura só se torna clara quando ele se volta para o seu protótipo vivo e nele molda o seu ser, ordenando o emaranhado, descartando o errado, libertando o profundo e restabelecendo a reta relação”.¹⁰² Nesse confronto, “o ser humano da superfície pode facilmente entender a oração litúrgica como ‘fingida’, pois quem fala na liturgia é aquele ser humano profundo e substancial, que se encontra, no entanto, soterrado”.¹⁰³ No ato litúrgico há, pois, uma primazia dos elementos concretos que o rito dispõe diante de nós: o que se nos pede é deixarmos-nos conduzir por esses elementos, independentemente de predisposições dos sentimentos, humores e caprichos. É nessas formas “que devemos crescer, mesmo que num primeiro momento não correspondam à nossa sensibilidade e não sejam vistas como ‘sinceras’ no sentido mais estrito” — “elas são sinceras, porque correspondem ao ser em uma camada mais profunda de significado”.¹⁰⁴

A liturgia, assim, “expressa *o que* é essencial — e assim a expressão serve à essência do diálogo entre Deus e a alma”. Porém, “igualmente essencial é *como* ela o revela, de modo que a expressão também presta serviço à essência do corpo, do gesto, da palavra”.¹⁰⁵ Por isso, Francisco afirma que “o rito é por si mesmo uma norma”.¹⁰⁶ Somos formados pelas palavras e gestos que a liturgia põe nos nossos lábios e mãos: são elas que dão forma aos nossos sentimentos interiores, forjando-nos à imagem do nosso verdadeiro ser.¹⁰⁷ “A plenitude da nossa formação é a conformação a Cristo. Repito: não se trata de um processo mental, abstrato, mas de chegar a ser ele. É esta a finalidade para a qual foi dado o Espírito, cuja ação é sempre e só a de fazer o Corpo de Cristo”, reforça o papa.¹⁰⁸

Dessa maneira, se a partir de um conceito raso de autenticidade podem parecer muito sinceras as atitudes de um presbítero que preside

¹⁰² GUARDINI, 2023, p. 176.

¹⁰³ GUARDINI, 2023, p. 177; ver também p. 158.

¹⁰⁴ GUARDINI, 2023, p. 185.

¹⁰⁵ GUARDINI, 2023, p. 179.

¹⁰⁶ DD 48.

¹⁰⁷ DD 60.

¹⁰⁸ DD 41.



a celebração chamando a atenção para si mesmo como protagonista, os gestos e as palavras que o rito prescreve para a presidência educam para que emerja aí a verdadeira identidade de um presbítero, de um pastor, de um servidor.¹⁰⁹ Falar dessa aspereza da objetividade litúrgica é reconhecer que na celebração “o Ressuscitado é, portanto, o protagonista; não o são, seguramente, as nossas imaturidades”, como afirma Francisco.¹¹⁰ Isso vale não apenas para o presbítero, mas para todos os ministros e toda a assembleia celebrante. O rito como norma põe a comunidade “a salvo de subjetivismos, que são o fruto da prevalência de sensibilidades individuais, e de culturalismos, que são aquisições acrílicas de elementos culturais que nada têm a ver com um processo correto de inculturação”.¹¹¹ Aqui, segundo Guardini, “o comportamento decisivo não é mais experimentar, mas olhar”; “não mais sentir, mas ouvir, obedecer”,¹¹² atravessando o vai-e-vem de sentimentos e alcançando “o núcleo último”, a “raiz do ser”.¹¹³

Não se trata, porém, de uma vitória do objetivo sobre o subjetivo, da anulação de um pelo outro. A formação litúrgica exige uma primazia do objetivo, mas precisamente em vista de uma subjetividade mais plenamente realizada. A experiência do indivíduo é o lugar em que aquilo que é essencial, objetivo, se consolida numa unidade vital concreta.¹¹⁴ Se não se leva isso em consideração, corre-se o risco de cair em outro perigo. “Ocorre outra vez uma relativização do real, mas a partir do polo oposto: o ser é ameaçado pela validade”, “toda a plenitude florescente perece ante a fria metafísica do ser”, “o cânone ganha poder sobre a vida”.¹¹⁵ Assim, a grande tarefa da formação litúrgica, sob esse aspecto, exige o delicado trabalho de “combinar originalidade de experiência, força de personalidade e especificidade de sentimento com disciplina e obediência ao real”.¹¹⁶

¹⁰⁹ DD 54-60.

¹¹⁰ DD 57.

¹¹¹ DD 49.

¹¹² GUARDINI, 2023, p. 170. Guardini evidencia, no texto original, o parentesco entre as palavras “ouvir” e “obedecer” — *horchen* e *gehörchen*. Em português o paralelo não fica tão evidente, mas, de fato, em latim *oboedire* se origina de *ob-audire*, referindo-se a um ouvir com atenção, com profundidade.

¹¹³ GUARDINI, 2023, p. 158.

¹¹⁴ GUARDINI, 2023, p. 164-165.

¹¹⁵ GUARDINI, 2023, p. 159-160.

¹¹⁶ GUARDINI, 2023, p. 172.



6 Religião e cultura

*“Toda a criação, toda a história — que finalmente estava para se revelar como história de salvação — é uma grande preparação para a Ceia.”*¹¹⁷

Guardini identifica na questão litúrgica, entre as outras polaridades já mencionadas, uma tensão entre religião e cultura. De fato, essa tensão já emerge quando se fala da capacidade expressiva do ser humano em seu corpo, nas coisas e como membro de uma comunidade. Essa problemática fica mais clara se pensarmos, por exemplo, na oposição entre vida espiritual e culto litúrgico que marcava o cristianismo de sua época, com base na total contraposição entre interioridade e exterioridade. Oferecer outra visão sobre essa relação, mais conforme à grande tradição cristã, foi, de certo modo, o ponto de partida do movimento litúrgico, que começou a caminhar com base na afirmação de Pio X de que “a participação ativa nos sacrossantos mistérios e na oração pública e solene da Igreja” é a “primária e indispensável fonte” de onde os fiéis haurem o “espírito cristão”.¹¹⁸ Porém, é certo que identificar a ação litúrgica como fonte da vida espiritual não elimina a tensão entre interior e exterior, experiência mística e ato de culto, fibra existencial e produto cultural. Aqui também é necessário manter unidos os dois polos e acesa a sua tensão, sem reduzir um ao outro nem cair nas armadilhas que imediatamente aparecem quando um deles é entendido de modo unilateral.

Permanece sempre “a desproporção entre a imensidade do dom e a pequenez de quem o recebe”, uma desproporção que é “infinita”, escreve Francisco,¹¹⁹ e que nos põe diante da pergunta sobre a possibilidade de expressão dessa realidade tão alta com os nossos meios cósmico-humanos — afinal, não temos outros. Estamos lidando com algo que não pode ser contido, manipulado, domesticado: o desejo de Deus por nós, tema que está no horizonte da carta apostólica a partir do seu próprio título.¹²⁰ Por isso, Guardini afirma que “religião não é cultura”, mas “a relação viva e pessoal do ser humano com o Deus pessoal”.¹²¹ É o relacionamento “mais

¹¹⁷ DD 3.

¹¹⁸ PIO X. *Motu proprio Tra le sollecitudini*. 22 de novembro de 1903. Disponível em: https://www.vatican.va/content/pius-x/pt/motu_proprio/documents/hf_p-x_motupropr_19031122_sollecitudini.html. Acesso em: 26 fev. 2023. Como vimos, em *Sacro-sanctum concilium* (n. 7) aparece afirmação semelhante.

¹¹⁹ DD 3.

¹²⁰ Ver principalmente DD 2 e DD 6.

¹²¹ GUARDINI, 2023, p. 200.



espontâneo que existe”, porque relação do ser humano com Aquele a quem ele pertence, com Aquele que é a fonte do seu ser, mas “é ao mesmo tempo tão extraordinário, tão impensável, que deveríamos senti-lo como o mais tenso, o mais arriscado até, não fosse o hábito que nos embotou o sentimento”.¹²² “É a questão de ser ou não ser em Deus”,¹²³ que nenhum elemento da nossa linguagem pode circunscrever, que ultrapassa todas as nossas possibilidades de expressão e que escapa de qualquer tentativa de embalá-la em determinado código cultural.

Volta aqui, no entanto, a questão da lógica da encarnação. A experiência religiosa, na tradição cristã, é encontro com uma pessoa, com o rosto de Cristo Jesus, mas já vimos que *Desiderio Desideravi* sublinha que “se tivéssemos chegado a Jerusalém depois de pentecostes e tivéssemos sentido o desejo não só de ter informações sobre Jesus de Nazaré, mas também de ainda o poder encontrar, não teríamos tido outra possibilidade a não ser a de procurar os seus para escutar as suas palavras e ver os seus gestos, mais vivos do que nunca”.¹²⁴ “Aqui reside toda a poderosa beleza da liturgia”, comenta Francisco.¹²⁵ “A potência salvífica do sacrifício de Cristo, de qualquer das suas palavras, de todos os seus gestos, olhares, sentimentos alcança-nos na celebração dos sacramentos”.¹²⁶ A liturgia nada acrescenta à beleza de Deus, mas a torna visível na concretude dos seus sinais e, precisamente assim, nos vivifica.¹²⁷ Toda a criação e toda a história se encaminham para serem assumidas na liturgia,¹²⁸ para que tudo chegue a ser manifestação do mistério pascal de Cristo. Nesse sentido, Guardini afirma que a Igreja “é cultura religiosa em sua intensidade máxima”: ela representa “a poderosa obra de incorporar todos os valores culturais na relação religiosa”.¹²⁹

Como se articula a evidente tensão entre o que foi dito nesse último parágrafo e aquilo que se expressou no parágrafo anterior? “Cristianismo e cultura contestam-se mutuamente” — “e ambos sabem disso”,¹³⁰ aponta

¹²² GUARDINI, 2023, p. 201.

¹²³ GUARDINI, 2023, p. 200.

¹²⁴ DD 8.

¹²⁵ DD 10.

¹²⁶ DD 11.

¹²⁷ DD 43.

¹²⁸ Veja-se DD 3-4, DD 13 e DD 42.

¹²⁹ GUARDINI, 2023, p. 210.

¹³⁰ GUARDINI, 2023, p. 206.



Guardini. Buscando salvaguardar o absoluto de Deus, o cristianismo pode chegar a ver a cultura como “a grande tentadora”.¹³¹ Sua desconfiança recai, acima de tudo, sobre a tentativa de uma “cultura religiosa”, isto é, a redução da fé às suas expressões culturais. Ai é fácil que a religião negocie com o mundo e acabe afugentando o ser humano do confronto com o mistério de Deus, anestesiando-o com uma carapaça de coisas, textos e instituições.¹³² “A religião pressente nisso uma lenta desintegração do essencialmente religioso”, escreve Guardini.¹³³ É o risco que se vê, por exemplo, no esteticismo ritual¹³⁴ ou na instrumentalização ideológica da liturgia.¹³⁵ Que a liturgia possa degenerar-se em cultura religiosa, “em uma mera cultura da força e da expressão, em uma existência puramente natural do ser humano e do mundo, preenchida apenas com sentimentos típicos de piedade”,¹³⁶ é “a acusação mais profunda que se poderia fazer” contra ela, segundo Guardini.¹³⁷ Esse tipo de experiência litúrgica deve ser rejeitado.¹³⁸

Se é indispensável compreender que o rito é em si mesmo norma, é verdade também que “a norma nunca é fim para si mesma, mas está sempre ao serviço da realidade mais alta que quer salvaguardar”, como especifica Francisco.¹³⁹ Aqui as preocupações levantadas nos conectam com o nosso ponto de partida: tudo o que foi dito representa o risco de uma liturgia esvaziada do assombro, dessa experiência de concomitância entre intimidade e distância que só a linguagem simbólica permite.¹⁴⁰

¹³¹ GUARDINI, 2023, p. 207.

¹³² GUARDINI, 2023, p. 207-208.

¹³³ GUARDINI, 2023, p. 208.

¹³⁴ DD 22; ver GUARDINI, 2023, p. 211.

¹³⁵ DD 16.

¹³⁶ GUARDINI, 2023, p. 56.

¹³⁷ GUARDINI, 2023, p. 208.

¹³⁸ “Melhor a mais simples, mas séria, piedade popular do que tal ‘cultura religiosa’” (GUARDINI, 2023, p. 211).

¹³⁹ DD 48.

¹⁴⁰ Um autor que descreve isso muito claramente é Alexander Schmemmann, referindo-se a como a Igreja antiga soube caminhar na senda de um conhecimento teológico que não tinha ânsia de dominar o mistério de Deus: “Se os Padres têm juntas, em uma síntese viva e verdadeiramente ‘existencial’, de um lado a absoluta ‘alteridade’ de Deus, a impossibilidade para as criaturas de conhece-lo em sua essência e, do outro lado, a realidade da comunhão do homem com Deus, do seu conhecimento e da sua *théosis*, essa síntese está radicada principalmente na sua ideia — ou melhor, na sua intuição — do *mysterion* e do seu modo de presença e de operação: o sím-



Irrenunciável é o rito, e irrenunciável é ultrapassar o rito.¹⁴¹ Desse modo, liturgia e cultura não se subsomem uma na outra nem se isolam mutuamente, mas contribuem reciprocamente para se realizarem de modo autêntico.

Conclusão

Percorrendo os grandes temas de *Formação litúrgica*, inevitavelmente emergem as grandes linhas de *Desiderio Desideravi*. A sintonia¹⁴² chega a ser incômoda, porque nos leva a perguntar como é possível que um texto escrito há exatos cem anos nos pareça tão fresco, tão vivo e, sobretudo, ainda tão necessário, sessenta anos depois de *Sacrosanctum concilium*?¹⁴³ Em que contexto social e eclesial estamos para que o Papa Francisco entenda ser tão imperioso retomar as intuições mais fundamentais do movimento litúrgico e relançar a tarefa da formação litúrgica para a Igreja de hoje? Não se trata apenas do fortalecimento de grupos tradicionalistas — isso é mais um sintoma de um problema do que um problema em si. Por outro lado, no campo da liturgia, formações não faltam em nossas dioceses e em nossas comunidades. No entanto, “falta um modelo de formação litúrgica saído do ventre do Concílio, impregnado pelos desejos conciliares mais profundos e que se desenvolva em sintonia com eles”.¹⁴⁴

Com isso, o que já se delineou na introdução fica mais claro: há um entrelaçamento firme entre o que despontou no movimento litúrgico e o que o Vaticano II delineou — não apenas no campo da liturgia. Em

bolo” (SCHMEMANN, Alexander. *For the Life of the World*. Nova York: St. Vladimir’s Seminary Press, 1998, p. 140-141, tradução nossa).

¹⁴¹ Ângelo Cardita expressa-o muito bem: “Cairia na falsidade e no engano, constantemente denunciados pela crítica profética, tanto quem realizasse um rito sem pretender com isso *ultrapassar* o próprio rito, como quem pensasse que esta superação pode *prescindir* do rito” (*Actuosa participatio*: reflexão à volta de uma noção chave na “questão litúrgica”. *Humanística e Teologia*, n. 25, v. 1, 2004, p. 98).

¹⁴² A afinidade de Francisco com o pensamento de Guardini explica em parte essa sintonia: profundo admirador de sua obra, Bergoglio quis até mesmo dedicar um doutorado — nunca aviado de fato — à teoria das oposições polares. Como vimos, essa influência fica visível na *Evangelii gaudium*, mas não só: também a encíclica *Laudato si’* segue as intuições de Guardini ao diagnosticar a crise socioambiental e propor caminhos para superá-la.

¹⁴³ A questão é levantada em: CARDITA, Ângelo. Formação litúrgica: pontos de reflexão em jeito de introdução. In: GUARDINI, 2023, p. 34.

¹⁴⁴ CARDITA, 2023, p. 35.



grande medida, ainda não recebemos o Concílio como proposta de retornar aos espaços elementares da experiência de fé,¹⁴⁵ como “estrutura aberta” e “linguagem performativa”,¹⁴⁶ como “uma reinterpretação global do mistério cristão”,¹⁴⁷ como “imersão total na tradição com vistas a um rejuvenescimento da vida cristã e da Igreja”¹⁴⁸ e como “um novo estilo de ser — uma conversão — que depois resulta em um novo estilo de relacionamento para quase tudo e todos”.¹⁴⁹ Enfim, não o recebemos como visão orgânica, capaz de superar a fragmentação da vida eclesial e do pensamento teológico que a modernidade nos legou. Ainda não somos bem conscientes da “especificidade do *método conciliar*, que consiste precisamente não tanto em mudar os ‘objetos’ da atenção eclesial, mas em mudar as *formas de vida* com que esses objetos são experimentados e expressos!”¹⁵⁰

É o que fica muito claro na obra de Guardini. Cem anos depois, muitas coisas mudaram, mas em grandes linhas permanecemos no contexto de uma mudança de época, mas de modo ainda mais intenso. O novo segue emergindo, de modo cada vez mais consistente. Nesse sentido, é muito interessante a ênfase constante que Guardini dá às novas possibilidades de reaprender o ato litúrgico que o nosso tempo inaugurou. “É a partir de uma necessidade interna que o nosso tempo torna-se maduro para a liturgia”,¹⁵¹ escreve ele logo no início de *Formação litúrgica*, convicto de que uma série de desdobramentos que ele enxerga ao seu redor estão devolvendo ao ser humano aquela inteireza que é requisito para formar o homem litúrgico, a mulher litúrgica.¹⁵² “Deus deu a cada tempo uma missão especial para o desenvolvimento de seu reino — um desenvolvimento que não somos autorizados a impedir”, afirma. “Nosso tempo também tem a sua tarefa; o fato de a sua vontade ser tão frequentemente

¹⁴⁵ GRILLO, 2017b, p. 214.

¹⁴⁶ VILLAS BOAS, Alex. Gênero textual conciliar. In: PASSOS, João Décio; SANCHEZ, Wagner Lopez (coord.). *Dicionário do Concílio Vaticano II*. São Paulo: Paulus; Paulinas, 2015. p. 401.

¹⁴⁷ ALMEIDA, Antônio José de. *Aggiornamento*. In: PASSOS; SANCHEZ (coord.), 2015, p. 8.

¹⁴⁸ ALBERIGO, Giuseppe. *Transizione epocale: studi sul Vaticano II*. Bolonha: Il Mulino, 2009. p. 42, tradução nossa.

¹⁴⁹ O’MALLEY, 2014, p. 61.

¹⁵⁰ GRILLO, 2007b, p. 212, tradução nossa.

¹⁵¹ GUARDINI, 2023, p. 56.

¹⁵² GUARDINI, 2023, p. 226-227.



extravagante ou de suas aspirações serem distorcidas e desorientadas não pode ser motivo para rejeitar o que ele tem de verdadeiro”.¹⁵³

Essa sensibilidade às possibilidades do tempo presente, essa sintonia com o que há de mais vivo nas novas gerações, faz falta para repensar os caminhos da formação litúrgica hoje. Sobretudo porque o antigo não só ainda resiste, como se alastra: se Guardini recorda que o “novo” do movimento litúrgico “é, na verdade, antiquíssimo — sendo novo apenas para quem considera algo ‘antigo’ a atitude espiritual e os hábitos das últimas décadas ou séculos”,¹⁵⁴ atualmente é preciso que nos demos conta de que muito do que parece novíssimo responde a lógicas envelhecidas. Isso vale para muitos dos contornos que a sociedade de hoje assumiu, em seu substrato neoliberal e tecnocrático, e que Guardini, em sua época, já entrevia.¹⁵⁵ A crise ritual do ser humano moderno se prolonga, e se torna cada vez mais dramática, e até patológica.¹⁵⁶ Guardini não estava errado, portanto, ao afirmar que “a questão litúrgica é uma das mais urgentes do nosso futuro espiritual e cultural”.¹⁵⁷ É por isso que *Formação litúrgica* é, hoje, ainda mais atual do que em 1923.

Referências

ALBERIGO, Giuseppe. *Breve história do Concílio Vaticano II*. Aparecida: Santuário, 2006.

ALBERIGO, Giuseppe. *Transizione epocale: studi sul Vaticano II*. Bolonha: Il Mulino, 2009.

ALMEIDA, Antônio José de. *Aggiornamento*. In: PASSOS, João Décio; SANCHEZ, Wagner Lopez (coord.). *Dicionário do Concílio Vaticano II*. São Paulo: Paulus; Paulinas, 2015. p. 8-9.

BELLI, Manuel. *L'epoca dei riti tristi*. Bréscia: Queriniana, 2021.

BORGHESI, Massimo. *Jorge Mario Bergoglio: uma biografia intelectual*. Petrópolis, Vozes, 2018

¹⁵³ GUARDINI, 2023, p. 194-195.

¹⁵⁴ GUARDINI, 2023, p. 195.

¹⁵⁵ Ver, p. ex., GUARDINI, Romano. *Letters from Lake Como*. Grand Rapids: Eerdmans, 1994.

¹⁵⁶ HAN, Byung-Chul. *O desaparecimento dos rituais*. Petrópolis: Vozes, 2021; ver também BELLI, Manuel. *L'epoca dei riti tristi*. Bréscia: Queriniana, 2021.

¹⁵⁷ GUARDINI, 2023, p. 56.



BORGHESI, Massimo. *Romano Guardini: antinomia della vita e conoscenza affettiva*. Milão: Jaca Book, 2018.

CARDITA, Ângelo. *Actuosa participatio: reflexão à volta de uma noção chave na “questão litúrgica”*. *Humanística e Teologia*, n. 25, v. 1, p. 87-104, 2004.

CARDITA, Ângelo. Formação litúrgica: pontos de reflexão em jeito de introdução. In: GUARDINI, Romano. *Formação litúrgica*. Curitiba: Carpintaria, 2023. p. 16-36.

CONCÍLIO VATICANO II. *Constituição Sacrosanctum concilium*. 4 de dezembro de 1963. Disponível em: https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19631204_sacrosanctum-concilium_po.html. Acesso em: 26 fev. 2023.

FAGGIOLI, Massimo. *Vaticano II: a luta pelo sentido*. São Paulo: Paulinas, 2013.

FLORES, Juan Javier. *Introdução à teologia litúrgica*. São Paulo: Paulinas, 2006.

FRANCISCO. *Carta apostólica Desiderio Desideravi*. 29 de junho de 2022. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_letters/documents/20220629-lettera-ap-desiderio-desideravi.html. Acesso em: 26 fev. 2023.

FRANCISCO. *Carta encíclica Lumen fidei*. 29 de junho de 2013. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20130629_enciclica-lumen-fidei.html. Acesso em: 26 fev. 2023.

GRILLO, Andrea. *Iniziazione: una categoria vitale per i giovani e la fede*. San Pietro in Cariano: Il Segno dei Gabrielli, 2017a.

GRILLO, Andrea. *Introduzione alla teologia liturgica: approccio teorico alla liturgia e ai sacramenti cristiani*. Pádua: Messaggero, 1999.

GRILLO, Andrea. L'efficacia del sacramento: abbozzo di rilettura a partire dall'agire rituale. In: UBBIALI, Sergio (org.). *La forma rituale del sacramento: scienza liturgica e teologia sacramentaria in dialogo: atti della XXVII settimana di studio dell'Associazione Professori di Liturgia*, Costabissara, 24-28 agosto 2009. Roma: CLV Edizioni Liturgiche, 2011. p. 187-206.



GRILLO, Andrea. *Para além de Pio V: a reforma litúrgica após a Traditionis custodes*. São Paulo: Paulus, 2022.

GRILLO, Andrea. Partecipare alla liturgia: una esperienza spirituale. In: BOSELLI, Goffredo; CRIMELLA, Matteo *et al.* *Celebrare in spirito e verità: l'esperienza spirituale della liturgia*. Milão: Glossa, 2017b. p. 203-231.

GUARDINI, Romano. *Formação litúrgica*. Curitiba: Carpintaria, 2023.

GUARDINI, Romano. *Letters from Lake Como*. Grand Rapids: Eerdmans, 1994.

GUARDINI, Romano. *O espírito da liturgia*. São Paulo: Cultor de Livros, 2018.

HAN, Byung-Chul. *O desaparecimento dos rituais*. Petrópolis: Vozes, 2021.

KOLLER, Felipe Sérgio; FERNANDES, Márcio Luiz. O símbolo em Romano Guardini. *Revista de Cultura Teológica*, v. 28, n. 96, maio-ago. 2020, p. 196-217.

O'MALLEY, John W. *O que aconteceu no Vaticano II*. São Paulo: Loyola, 2014.

PARANHOS, Washington. *O contexto litúrgico-sacramental da Igreja em sua evolução histórica*. São Paulo: Paulus, 2022.

PIO X. *Motu proprio Tra le sollecitudini*. 22 de novembro de 1903. Disponível em: https://www.vatican.va/content/pius-x/pt/motu_proprio/documents/hf_p-x_motuproprio_19031122_sollecitudini.html. Acesso em: 26 fev. 2023.

SCHMEMANN, Alexander. *For the Life of the World*. Nova York: St. Vladimir's Seminary Press, 1998.

VILLAS BOAS, Alex. Gênero textual conciliar. In: PASSOS, João Décio; SANCHEZ, Wagner Lopez (coord.). *Dicionário do Concílio Vaticano II*. São Paulo: Paulus; Paulinas, 2015. p. 400-402.